



A espiritualidade não religiosa na socialização de roqueiros/as sem religião em torno da música rock

Non-religious spirituality in the socialization of rockers without religion around rock music

Flávio Lages Rodrigues*

Resumo: Neste artigo apresentamos um fragmento da pesquisa de campo com os relatos dos entrevistados mostrando como a cidade e a pós-modernidade foram fundamentais na socialização dos círculos urbanos headbangers e dos diversos grupos juvenis em Belo Horizonte. Nossa hipótese procurou identificar se havia algum tipo de espiritualidade não religiosa na sociabilidade desses/as roqueiros/as sem religião nos círculos urbanos headbangers. A metodologia nesta parte ocorreu de forma mista com a pesquisa de campo e com a revisão bibliográfica, tendo como principal teórico o sociólogo francês Michel Maffesoli. Embora, na visão desses participantes da pesquisa ocorra essa espiritualidade não religiosa com a cidade e a pós-modernidade na socialização e solidariedade, que é gerada com o rock, heavy metal e seus subgêneros. Percebemos que isto não é uma unanimidade, devido à rejeição a qualquer manifestação religiosa ou espiritual dentro desse grupo.

Palavras-chave: Cidade. Pós-modernidade. Roqueiros/as sem religião. Rock, heavy metal e seus subgêneros. Espiritualidade não religiosa. Círculos urbanos headbangers.

Abstract: In this article we present a fragment of the field research with the interviewees reports showing how the city and post-modernity were fundamental in the socialization of urban headbanger circles and of the various youth groups in Belo Horizonte. Our hypothesis sought to identify whether there was some kind of non-religious spirituality in the sociability of these non-religious rockers in urban headbanger circles. The methodology in this part occurred in a mixed way with the field research and with the bibliographical review, having as main theoretician the French sociologist Michel Maffesoli. Although, in the view of these research participants, this non-religious spirituality occurs with the city and postmodernity in socialization and solidarity, which is generated with rock, heavy metal and their subgenres. We realize that this is not unanimous, due to the rejection of any religious or spiritual manifestation within this group.

Keywords: City. Postmodernity. Rockers without religion. Rock, heavy metal and its subgenres. Non-religious spirituality. Headbangers urban circles.

Introdução

Notamos que o crescimento das cidades advindos das transformações sociais, culturais, econômicas e políticas, e também a pluralidade ideológica proporcionada pela pós-modernidade foram fundamentais para o processo de urbanização no Brasil, que se intensificou ainda mais a partir da década de 1970 e como vimos, provocou o inchaço das pequenas cidades, das metrópoles e também das megalópoles. Nessa expansão Michel

* Professor em Ciências da Religião (PUC Minas). ORCID: 0000-0003-2538-6459 – contato: flavioposttrevor@yahoo.com.br

Maffesoli categorizou as “tribos”, “tribos urbanas” e “neotribos”, que permeiam essas novas formas de socialização e coletividade nos espaços geográficos que em nossa pesquisa ocorreu com os/as roqueiros/as sem religião que estão nas tribos urbanas *headbangers*.

O termo *headbanger* é utilizado pelos fãs da cultura *heavy metal*, bem como de suas posteriores variações e subgêneros musicais. Ele surgiu por volta de 1970, na Inglaterra, e imigrou para os Estados Unidos. A banda inglesa Black Sabbath foi a precursora do estilo *heavy metal* e da incorporação nos shows da agressividade estética *headbanger*. A expressão tribo urbana *headbanger* é dada aos jovens que interagem em pequenos grupos ou tribos nos centros urbanos. Para essa tribo, a socialização gira em torno da sonorização com o rock pesado, na produção e no consumo dessa música entre os jovens. Estes também consomem uma variedade de roupas, calçados e acessórios, que muitas vezes são definidos pelos membros da própria tribo. Durante os shows, esses jovens dançam em círculo com o *mosh*, o que lembra as tribos indígenas em suas danças. Nas apresentações das bandas de *rock* pesado, ocorre a dança no *mosh*, com os jovens rodando em círculos em uma dança frenética e agressiva, no qual são desferidos socos e pontapés ao ar, ou contra quem se dispuser a fazer parte desse ritual. No caos e desordem da manifestação das tribos urbanas *headbangers* com danças e empurrões, podemos ver uma fonte de potência e efervescência nessa sociabilidade juvenil. Outra forma peculiar de expressão dessa tribo é bater a cabeça durante os shows, que é o significado literal para *headbanger*, com o movimento para cima e para baixo, jogando os cabelos ao ar, com o movimento violento da cabeça no ritmo da música. *Headbanger* é a denominação da cultura de fãs de *heavy metal* e suas variantes

Maffesoli também categorizou essa nova maneira de ser e viver no espaço e no tempo, respectivamente, com a cidade e a pós-modernidade, para apontar essas transformações contemporâneas que acontecem nos vínculos sociais no contexto citadino, como foi categorizado pelo autor nas seguintes obras: Maffesoli (2010a, 1984, 1985, 2001a, 2001b, 2001c, 2002, 2003a, 2003b, 2005a, 2005b, 2007a, 2007b, 2010b, 2012 e 2014), entre outras obras do autor. (Refiz nessa parte o sistema autor/data)

Nessa nova maneira de ocupar esses espaços geográficos e no tempo vigente é que situamos nossa pesquisa com esse novo modo de socialização dos/as roqueiros/as sem religião, que por problemas apresentados quanto à utilização da categoria “tribo”, daqui em diante, não adotaremos mais a categoria “tribos urbanas *headbangers*” para designar os adeptos desse grupo, mas utilizaremos círculos urbanos *headbangers*. Utilizamos na pesquisa o conceito de tribo que foi teorizado pelo sociólogo francês Michel Maffesoli de forma pioneira na metade da década de 1980. Maffesoli propõe a metáfora para tribo, justamente para observar a metamorfose do vínculo social. Outro fato para a utilização do termo tribo, se dá pelo próprio grupo pesquisado se autodeclarar como uma tribo, ou mais especificamente, como tribo urbana *headbanger*. No entanto, devido aos problemas que o conceito tribo pode trazer para os integrantes desses grupos juvenis e de várias idades que se aglutinam em torno de variados objetos e ideologias, como é o caso do *rock*, do *heavy metal* e de seus subgêneros. Em nossas pesquisas futuras não adotaremos mais o conceito tribo, em seu lugar utilizaremos o conceito *circo* ou círculo urbano *headbangers*, o que nos ajudará a demarcar sociologicamente os indivíduos que pertencem a esses círculos urbanos *headbangers* e os que estão fora desses círculos.

No entanto, lembramos que no decorrer do artigo ao retratar as categorias tribos urbanas *headbangers* e círculos urbanos *headbangers*, estaremos falando do mesmo objeto de estudo, respectivamente, representado pela teorização de Maffesoli e também por nós após a conclusão da pesquisa. (Aqui eu mostro a criação de uma nova categoria para dizer dos grupos que Maffesoli chama de tribo, tribo urbana e que eu estou categorizando com círculos urbanos.

Nesta parte da pesquisa, procuramos entender através da pesquisa bibliográfica, e principalmente, com os relatos dos/as participantes da pesquisa de campo¹, se a cidade e a pós-modernidade fomentariam um tipo de espiritualidade não religiosa entre os/as roqueiros/as sem religião nos círculos urbanos *headbangers* em Belo Horizonte. Nessa parte do artigo ocorreu a pesquisa qualitativa com a busca por respostas para questões particulares através dos relatos dos dez participantes com a pesquisa de campo. Utilizamos a pergunta 26 do questionário com a entrevista semiestruturada para entender se a cidade e a pós-modernidade poderiam ajudar no desenvolvimento da socialização dos/as roqueiros/as sem religião com uma espiritualidade não religiosa. Aplicamos um questionário com a entrevista semiestruturada com 26 perguntas, entre elas utilizamos 10 categorias de espiritualidade desenvolvidas por Streib e Klein (2016), que foram transformadas em 10 perguntas. Os pré-requisitos para a seleção dos participantes da pesquisa era ser maior de 18 anos de idade, ser roqueiro/a sem religião e ter vivenciado algum tipo de experiência nas tribos urbanas *headbangers* em Belo Horizonte. Também aplicamos um questionário socioeconômico que foi preenchido pelos/as participantes e nos ajudou a entender melhor a composição do grupo. Recrutamos 10 participantes nas entrevistas, sendo 8 homens e 2 mulheres. As entrevistas ocorreram entre os meses de fevereiro e abril de 2020. Na mesma época dessas entrevistas, no dia 17 de março de 2020, devido à Pandemia do COVID-19 (Corona Vírus), o Prefeito de Belo Horizonte Alexandre Kalil assinou um decreto que criava o Comitê Municipal de Enfrentamento à Epidemia da doença em Belo Horizonte, o que ocasionou o fechamento da cidade. O desenho da pesquisa de campo aconteceu com 9 entrevistas gravadas presencialmente ou por skype através de áudio, totalizando 13 horas 20 minutos e 13 segundos, que transcritas geraram 495 páginas no formato word. Apenas 1 entrevista foi realizada de forma escrita.

Portanto, nossa hipótese foi confirmada através dos relatos desses participantes. Embora ocorra essa espiritualidade não religiosa através da cidade e da pós-modernidade, com a socialização e solidariedade, que é gerada com o *rock*, *heavy metal* e seus subgêneros. Verificamos que isto não é uma unanimidade, devido à rejeição a qualquer manifestação religiosa ou espiritual dentro desse grupo.

A cidade e a pós-modernidade, fonte de diversas socializações

Notamos que tanto a cidade, quanto a diversidade do pensamento e ideologias pós-modernas fomentaram inúmeras formas de socialização atualmente. Ambas, contribuíram

¹ A pesquisa foi aprovada junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da PUC Minas, sob CAAE 25890719.1.0000.5137. O projeto foi submetido em 24 dez. 2019 e aprovado em 04 fev. 2020.

ainda mais para ampliar as possibilidades de pensamentos, relacionamentos sociais e trajetórias que cada pessoa possa fazer no espaço e no tempo.

Nesse aspecto, verificamos que a cidade pode produzir tanto os rituais sociológicos, quanto a cosmovisão do *rock* secular entre os adeptos das tribos urbanas *headbangers*, que não têm outra finalidade, senão a criação de signos, ícones e símbolos, em linguagem própria com o propósito de ruptura e crise com a cultura atual, e ao mesmo tempo impõe limites ao que é produzido por ela.

Essa ruptura se apresenta de forma perceptível com o modo mais elementar de comunicação da tribo, que se dá através das gírias que são utilizadas e que somente quem pertence a esse grupo específico consegue decifrar os códigos do que está sendo comunicado. Dessa forma, nesse grupo pesquisado, podemos observar a possibilidade de várias rupturas, que ocorrem com a sociedade em suas diversas áreas e também com os bens culturais, que são produzidos pela cultura de massa. Esse limite se mostra de forma prática no distanciamento e desprezo por tudo que seja produzido ou se apresente como norma cultural a ser seguida.

Portanto, a sociabilidade ocorre na cena alternativa e *underground*, e gravita, primeiramente, em torno da música *rock*, com as significações que são produzidas com as bandas de *heavy metal* e seus subgêneros, como também com os significados que são produzidos pelos adeptos das tribos urbanas *headbangers*. Em suma, essa sociabilidade se dá no prazer de levar a vida em comum, no compartilhamento dos mesmos ideais e gostos, e na inclinação e efervescência em viver na companhia de outros. Essa sociabilidade se traduz na partilha das mesmas emoções e no sentimento de pertencimento com uma socialidade horizontal entre todos os adeptos do grupo, da tribo ou do círculo urbano.

O que podemos observar na atualidade é a ocorrência de uma miríade de manifestações sociais e culturais, que podem até passar despercebidas, tanto nas pequenas cidades, quanto nos grandes centros urbanos do Brasil e do mundo. Muitas dessas manifestações podem estar acontecendo bem debaixo dos nossos pés, e só tomamos consciência delas quando elas emergem diante de nossos olhos, como uma pequena nascente de água ou como um grande vulcão que explode em violenta erupção, lançando para fora tudo que estava dentro, escondido e tamponado. Muitas vezes, essas manifestações podem ficar à margem e abaixo nas criptas, cavernas, cavidades, recônditos, nos lençóis freáticos, e no oculto do subterrâneo e *underground* da vida, adormecidas sem nunca chegar à superfície.

Outras vezes, em total insubordinação e rebelião, essas manifestações ultrapassam o que as elites e toda forma de poder instituído, insistentemente negam ou colocam limites para a sua expressão e vitalidade. Conforme aponta Michel Maffesoli.

Porque aquilo cuja existência se nega – complexidade galopante, relativismo cultural, tribalismo emocional e outros sentimentos de pertença, que já não se adaptam às teorias bem-pensantes – corre o risco de se tornar perverso. Isto é, de tomar caminhos desviados, per via, desde logo, não domináveis. [...] O retorno dos diversos fanatismos, dos múltiplos terrorismos, bem como a rebelião, mais ou menos violenta, dos jovens de subúrbio, sem esquecer a deserção de numerosas instituições são os seus sinais mais marcantes. Com efeito, silenciosa ou estridente, a revolta ecoa (Maffesoli, 2002, p. 10).

Como vimos anteriormente, essas tensões e crises geram uma ruptura na contemporaneidade e têm os seus efeitos com a rebeldia e o abandono do pequeno grupo com as tribos ou círculos urbanos pelos valores e normas que são gerados pelo grande grupo com as instituições sociais, que ecoam para as mais variadas áreas da vida, como revolta à negação das diferenças, das pluralidades e da diversidade. Para Maffesoli, outras formas de socialização estão tomando caminhos desviados ou não domináveis. Com o que ele chamou de retorno dos diversos fanatismos, verificamos também essas formas de fanatismos com a socialização dos adeptos das tribos urbanas *headbangers*, que utilizam o *rock* e o *heavy metal* na cidade de Belo Horizonte, isto, tanto com os jovens, quanto com pessoas de várias idades. E quando pensamos nas instituições sociais, entre as quais a religiosa, essas palavras têm maior sentido com a complexidade crescente, o relativismo cultural, o tribalismo emocional e as inúmeras formas de pertença que verificamos atualmente.

Pensando na pós-modernidade, Maffesoli vê variadas formas de ser e viver na atualidade com o tribalismo emocional, que gera novas sensações, gostos, partilhas e outras formas de pertencimento. Na visão de Stuart Hall, essa mudança na pós-modernidade ocorre devido às transformações que estão acontecendo, com o sujeito que tinha uma identidade unificada e estável, que está se tornando cada vez mais fragmentada.

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático (Hall, 2019, p. 11).

Tanto a revolta apontada por Maffesoli com novas formas de tribalizações, quanto o colapso sinalizado por Hall com as identidades fragmentadas, mostram as crises e mudanças que estão ocorrendo na sociedade atualmente. Nesse aspecto, verificamos que para ambos os autores na pós-modernidade está acontecendo uma crise que afeta a todas as áreas como a social, política, econômica, cultural e também a religiosa.

Observamos que, tanto as tribalizações, quanto as identidades fragmentadas, propostas respectivamente por Maffesoli e Hall, apontam para uma pluralidade e diversidade nas formas de socialização, que não têm outro fim, senão, a ruptura com o modelo atual de sociedade. Para Maffesoli, a pessoa pode se socializar com os vários grupos dos iguais e por afinidades, nos quais ela representa papéis nas tribos afetuais e estas sinalizam cada vez mais para a abertura com a dimensão do coletivo.

Trata-se, com as consequências sociológicas que isso suscita, do deslocamento do indivíduo à identidade estável que exerce sua função em conjuntos contratuais, à pessoa que representa papéis nas tribos afetuais. Participação mágica em alguma coisa pré-individual, ou ainda o fato de que existimos somente no quadro de um inconsciente coletivo” (Maffesoli, 2010a, p. 16).

Ainda, de acordo com Maffesoli, essas representações sociológicas nas tribos urbanas, podem possibilitar várias formas de resistência.

A partir dessas máscaras, papéis, teatralidades que a pessoa plural se põe a desempenhar no dia a dia. Ela é dupla e dúplice. A duplicidade lhe permite, a longo prazo, saber resistir aos múltiplos poderes estabelecidos. Pessoa plural e tribos emocionais, eis o que é, hoje em dia, difícil de negar, ou de denegar (Maffesoli, 2012, p. 43).

Do mesmo modo que Maffesoli observa os vários papéis que o indivíduo pode desempenhar na pós-modernidade como uma pessoa plural, Hall também aponta para as várias representações que o sujeito pode fazer com a multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis.

Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. [...] A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com as quais poderíamos nos identificar a cada uma delas – ao menos temporariamente (Hall, 2019, p. 11-12).

Isso nos ajuda a entender que as várias representações sociais das pessoas no tecido citadino, que acontecem cotidianamente e de forma mais trivial, têm um grande valor na comunhão de cada um que se junta ao outro para formar o tecido social, com suas ligações diversas com o tribalismo. “À imagem do que é o pós-modernismo arquitetural, ao mesmo tempo plural e coerente, está a fragmentação da pessoa que é o coração vibrante do laço social pós-moderno. Ela caracteriza essa nova constelação societal que tem o nome de tribalismo” (Maffesoli, 2012, p. 43).

Essa possibilidade de socializações como pessoa plural e multiplicidade de identidade possíveis, ao mesmo tempo que mostra uma crise nas estruturas das instituições sociais, também aponta para as novas formas de socialização que o tribalismo fomenta na atualidade. Essa crise também permeia o *rock* secular, desde o seu nascimento em 1940 nos campos de algodão, com os negros nos Estados Unidos em seus gritos campais contra a injustiça e opressão, geradas pela escravidão. E, ainda hoje, esse mesmo *rock* secular e seus mais variados subgêneros podem ser utilizados como um dos veículos de denúncia à violência e opressão, como observado com os/as roqueiros/as sem religião que estão nas tribos ou círculos urbanos *headbangers* em Belo Horizonte. Desse modo, o nascimento do *rock* com os negros *spiritual* ou *gospel* e com o *blues*, nos mostram respectivamente, gritos de libertação, que podiam ser ouvidos tanto no contexto religioso, quanto no não religioso.

Essa diversificação e multiformidade na sociabilidade, na visão de Maffesoli, teve início com a Modernidade e floresceu na Pós-Modernidade com o relacionamento mais aprofundado no interior dos grupos ou tribos nas cidades e nos grandes centros urbanos.

A Modernidade, ao mesmo tempo que multiplicou a possibilidade das relações sociais, esvaziou-as, em parte, de todo conteúdo real. Essa foi, em particular, uma característica das metrópoles modernas. E sabemos que esse processo não contribuiu pouco para a solidão gregária sobre a qual tanto se tem falado. A Pós-Modernidade tende a favorecer, nas megalópoles contemporâneas, ao mesmo tempo o recolhimento do próprio grupo e um aprofundamento das relações no interior desses grupos (Maffesoli, 2010a, p. 153).

A pós-modernidade possibilitou às cidades e especialmente a esses grupos e tribos, que estão nos países do ocidente a condição de contestar e questionar as instituições sociais, e toda forma de poder que se institua como absoluta. Nesse aspecto, podemos ver que os círculos urbanos *headbangers* em Belo Horizonte nas décadas de 1980 e 1990, mantinham um certo distanciamento de instituições sociais como a família, o estado, a igreja e a polícia, por estas instituições representarem justamente um poder vertical, ou seja, um poder que vem do alto e que nunca podia ser contestado. Isso pode ser ainda mais potencializado para um adepto dos círculos urbanos *headbangers* e principalmente para um/a roqueiro/a sem religião. Já que estes não buscavam mais uma harmonia, amoldamento ou nivelamento das diferenças com as instituições sociais, mas justamente a sua indiferença, exposição e o caos.

Essa possibilidade de socialização dos grupos com pensamentos afins, segundo Camargo (1998, p. 145), ocorre na organização de grupos de iguais que é proporcionada pela cultura da cidade. Como foi observado nos relatos da maioria dos participantes da pesquisa, dentro de um mesmo grupo ou tribos urbanas podemos verificar uma diversidade de pensamentos e ideologias, como é o caso dos/as roqueiros/as sem religião que estão nos círculos urbanos *headbangers*. De acordo com Lefebvre (1999, p. 158), o fenômeno urbano é um movimento vivo e aberto para a socialização. Na visão de Magnani (1996, p. 18-19), a cidade é o lugar de “gritantes contradições urbanas” e ao mesmo tempo é o lugar de entretenimento, sociabilidade, relacionamento e padrões culturais diferenciados.

Nessa perspectiva em que percebemos a cidade e a pós-modernidade como espaço e tempo de contradições e ao mesmo tempo de sociabilidade é que situamos os/as roqueiros/as sem religião que estão nos círculos urbanos *headbangers* em Belo Horizonte. Para isto, mostraremos através dos relatos dos participantes com suas vivências e experiências, se a cidade e a pós-modernidade representariam ou não um tipo de espiritualidade não religiosa para esse grupo.

A cidade e a pós-modernidade como fonte de espiritualidade não religiosa para os/as roqueiros/as sem religião?

Nesta parte procuramos conhecer e entender as vivências que ocorrem nas experiências com as socializações desses/as roqueiros/as sem religião que estão nas tribos urbanas *headbangers*. Investigamos o que eles têm a nos dizer sobre suas práticas religiosas nesses grupos juvenis e também de pessoas de todas as idades que compõem o grande tecido urbano. Assim, verificamos que a cidade está mais aberta para várias manifestações dentro dos seus limites geográficos, o que acaba expondo padrões culturais diversificados, como um caldo de cultura na contemporaneidade.

Para isto perguntamos aos dez participantes da pesquisa se eles de alguma forma, percebem que a cidade e a pós-modernidade podem ajudar no desenvolvimento da socialização dos/as roqueiros/as sem religião com uma espiritualidade não religiosa.

Veja os relatos de um dos participantes da pesquisa.

Talvez até, já tenha de certa forma respondido na pergunta anterior, mas, o espírito do urbano, vamos colocar assim, o da época, ela não favorece esse, nem a socialização

e muito menos a espiritualidade. Você precisa de novo, mais uma vez, de ter, ficar muito espiritualmente contra esse espírito do tempo para achar uma forma de espiritualidade. Essa espiritualidade, a probabilidade é grande que ela seja muito individual sua. [...] E foi nesse individualismo que eu voltei à cena. Uma atividade, vamos dizer, de coletiva, graças a um aspecto singular, individual. É individualista de minha parte para eu ter um maior controle, não controle, mas, para ter um novo acabamento à minha individualidade. Espiritualmente falando (Participante 1, homem, 33 anos).

Para esse participante, nem a cidade e tampouco a pós-modernidade favorecem o desenvolvimento da socialização e solidariedade com a espiritualidade não religiosa dos/as roqueiros/as sem religião. Apesar de dizer que não vê essa força da socialização e da espiritualidade não religiosa, ele voltou para a cena *underground* em 2014, ou seja, está inserido em uma tribo urbana *headbanger* em Belo Horizonte atualmente. Ainda de acordo com ele, o seu retorno à cena ocorreu com um individualismo, que o levou a um pensamento coletivo, que começa no singular e individual com um refinamento que ele chamou de novo acabamento à minha individualidade, que ao se ver é uma espiritualidade.

Ainda de acordo com esse participante essa espiritualidade individualista talvez encontre outras espiritualidades individualistas, que convirjam em uma forma de socialização e possa gerar assim uma forma de existência do grupo. “Mas, se, talvez, ainda tenha uma forma dessa espiritualidade individualista, ela encontra outras espiritualidades individualistas que convirjam. Até como uma forma de existência, talvez.” (Participante 1, homem, 33 anos).

Ele continua o seu relato mostrando a riqueza e a força da espiritualidade não religiosa com o *black metal* e o *heavy metal*. E, para ele, essa espiritualidade não é algo que deva ser feito de forma individual.

Você vê mais uma amostra de riqueza espiritual paradoxal que tem no *black metal*. No *heavy metal* como um todo. Assim, falando assim sozinho agora, eu sou mais alguém reativo, então. Eu tenho que ter tipo fagulhas que me passam e provocam um lugar. Talvez o que eu possa dizer agora. Vou tentar dizer que espiritualidade, ela não é algo que você até pode combater ela de forma individual, até por uma questão paradoxalmente espiritual (Participante 1, homem, 33 anos).

Esse participante continua o seu relato mostrando os cuidados que se deve ter quando se busca realizar essa espiritualidade não religiosa de forma coletiva, pois se ela falhar e for morta poderá vir uma coisa pior. Por isso para ele é preciso que todos busquem uma espiritualidade.

Mas, tem quem se tomar cuidado, que esse combate você faça de forma coletiva. Porque essa espiritualidade ela pode ser morta e no lugar dela vir uma coisa pior. Por isso, que eu acho importante, de certa forma, você ter e buscar sim, uma espiritualidade. Seja você cristão, ateu e tal (Participante 1, homem, 33 anos).

Ele finaliza o seu relato sobre essa espiritualidade não religiosa mostrando que, na música, ela é uma busca que as pessoas devem fazer sozinhas. E com muita sorte talvez a pessoa encontre alguém para fazer essa caminhada e chegue a um final satisfatório. “Mas, vamos falar de música, é mais uma busca que você tem que fazer sozinho. E se você tiver sorte talvez você encontre algo ou alguém no meio do caminho para fazer com

que essa caminhada, chegue até um final satisfatório” (Participante 1, homem, 33 anos).

Seguimos com o relato de outro participante da pesquisa para saber se a cidade e a pós-modernidade podem ajudar no desenvolvimento da socialização dos/as roqueiros/as sem religião com uma espiritualidade não religiosa. Na sua visão é possível, devido a cidade e a pós-modernidade possibilitarem a quebra de preconceitos e as aberturas à manifestação dessas tribos atualmente. “Sim, o mundo de hoje está quebrando muito preconceito, muitas coisas desse tipo estão ficando mais abertas para as tribos entrarem na comunidade. Coisa que não tinha antes.” (Participante 2, homem, 44 anos).

Continuamos no mesmo percurso e perguntamos para outro participante da pesquisa, se a cidade e a pós-modernidade podem ajudar no desenvolvimento da socialização dos/as roqueiros/as sem religião com uma espiritualidade não religiosa. Para esse participante a cidade e a pós-modernidade não ajudaram no desenvolvimento de uma socialização com uma espiritualidade não religiosa.

Nós *headbangers* descobrimos muitas coisas que a gente não sabia. Então, vamos num exemplo assim. Essa conectividade, né? Essa pós modernidade, essa questão da cidade. Isso tudo nós descobrimos coisas que a gente achava que não teria jeito. Eu, por exemplo, quando eu era muito jovem, eu acho que, “ôh, cara, eu nunca vou conseguir ir na Europa, no *Monsters of Rock*.” Saca? Na Inglaterra. Depois eu descobri, com o passar do tempo, que se eu deixasse de ir no boteco beber, se eu deixasse de comprar um camisa de *metal*, se eu deixasse de comprar um CD, se eu deixasse de sair à noite e juntasse essa grana, eu conseguia ir na Europa (Participante 3, homem, 42 anos).

Ele continua o seu relato e mostra que mesmo sendo um apoiador do *metal* nacional, deixou de ir a vários *shows*, à *bares* e inclusive aos *shows* em Belo Horizonte para juntar dinheiro para ir para grandes *shows* na Europa. Ele mostra essa outra face da abertura territorial que foram possibilitadas pelas cidades e pela pós-modernidade, que se de um lado trouxe a possibilidade de outras conexões com outras cidades e festivais mundo afora, também trouxe uma desconexão interna da cena *underground* local, regional e nacional.

Coisa que eu achava impossível quando tinha 18 anos. Então, essa pós modernidade nos desconectou também. Eu deixo de te encontrar num *show*, num bar, que seja, para poder guardar minha grana e ir pra Europa, sacô? Eu sou apoiador do *metal* nacional, eu deixo de ir num *show* em BH às vezes. [...] Então, essa pós modernidade, essa abertura de fronteiras, essa nova visão. Em Belo Horizonte, cara, tenho vários amigos que viajam o mundo inteiro atrás de festivais. Essas pessoas não frequentam *shows*, não frequentam bares, não frequentam sua casa muitas vezes, não estão fazendo festas porque eles juntam a grana para viajar. Então, essa pós modernidade nos trouxe essa desconexão, sacô? Isso é muito interessante, a gente citar isso também, porque são coisas que o direcionamento humano vai mudando, as fronteiras estão abertas, né? E a gente embarca nessa e a conexão fica cada vez mais distante (Participante 3, homem, 42 anos).

Perguntamos, agora para outro participante da pesquisa, se ele acha que a cidade e a pós-modernidade podem ajudar no desenvolvimento da socialização dos/as roqueiros/as sem religião com uma espiritualidade não religiosa. Na sua visão a cidade e a pós-modernidade proporcionam maiores possibilidades de uma diluição da inibição e do julgamento. Como ele foi criado em Ouro Branco-MG que, a seu ver, é tão forte na tradição de uma cidade pequena, em comparação à cidade de Belo Horizonte, isso

acaba inibindo a pessoa de experimentar ou de fazer certas coisas. Ao passo que em uma cidade de grande porte, as diferenças se diluem.

Nesse sentido eu acredito sim. Principalmente, pelos motivos que você falou desse tanto de possibilidade que você teria numa cidade maior, que se dilui muito mais pelo número de pessoas, né? Não tem essa questão tão forte na tradição de uma cidade pequena, você ali, numa cidade maior não vai se sentir tão inibido de fazer certas coisas, de pensar assim “poxa, isso aqui é um ovo, que se eu fizer tal coisa aqui, que eu vou ser julgado mas, o cara que vai me ver aqui hoje, provavelmente não vai me ver mais depois.” Então, isso pode realmente ajudar em uma desinibição daquele sujeito, né? Dele tentar experimentar coisas novas, dele se libertar de certas amarras que, talvez ele carregava quando ele estava em um lugar que era mais reduzido nessas possibilidades, né? (Participante 4, homem, 35 anos).

Ele segue o seu relato, ao mostrar com a sua experiência pessoal, o quanto a cidade e a pós-modernidade o ajudaram a expandir os horizontes, inclusive em questões políticas, em que ele mostra que foi salvo de ser um coxinha pela cidade de Belo Horizonte.

É isso, querendo ou não é uma coisa que eu passei por essa experiência, quando eu fui para BH. Ir para BH para mim, expandiu meus horizontes, né? Meu mundo, né? Eu fui criado em Ouro Branco, uma cidade pequena na época que eu morava aqui tinha 20 poucos mil habitantes. Era menor ainda do que hoje. E foi uma cidade, cara, planejada para ser uma cidade de coxinhas mesmo, sabe? Eu fui moldado para ser um coxinha, cara. Eu fui salvo por Belo Horizonte, nesse sentido, entendeu? (Participante 4, homem, 35 anos).

Nos relatos desse participante, verificamos que uma cidade como Belo Horizonte, pode quebrar o traço forte na tradição de uma cidade pequena, abrir para experimentar coisas novas, ajudar a se libertar de certas amarras e ainda fomentar várias possibilidades que são próprias de grandes centros urbanos. Ainda de acordo com ele a cidade de Belo Horizonte, além de abrir os seus horizontes o salvou de ser um coxinha, uma vez que de acordo com ele, a cidade de Ouro Branco foi planejada para ser uma cidade de coxinhas.

Prosseguiremos com outro participante da pesquisa, perguntamos se na sua visão a cidade e a pós-modernidade podem ajudar no desenvolvimento da socialização dos/as roqueiros/as sem religião com uma espiritualidade não religiosa. Para esse participante, tanto a cidade, quanto a pós-modernidade fomentam essa socialização com uma espiritualidade não religiosa.

Assim, por exemplo, tem lugares que é o pessoal de esquerda que se reúne. Aí é só gente de esquerda. Pessoal de direita. Eu acho que ali é o pessoal do *rock*. Não é? Não interfere se é de esquerda, se é de direita, sua orientação sexual, sua religião. Você gosta de *rock*, nós estamos ali e beleza. Nós estamos junto no *rock*. Mas a cidade eu acho que proporciona isso porque você vê cidades, locais aí, menores por exemplo. Eu conheço gente de cidades do interior que gostam de *rock* que não encontram aonde ir. Eles acabam se encontrando duas, três, quatro pessoas que são as pessoas da cidade que gostam de *rock* (Participante 5, homem, 43 anos).

O que observamos nos relatos desse participante é que a cultura das cidades propicia essa espiritualidade não religiosa, que pode acontecer não apenas nas grandes cidades, mas também em cidades do interior, no qual as pessoas se reúnem em torno do *rock*, não importando a visão política, orientação sexual ou mesmo a religião.

Perguntamos para outro participante da pesquisa se a cidade e a pós-modernidade podem ajudar no desenvolvimento da socialização dos/as roqueiros/as sem religião com uma espiritualidade não religiosa. Para esse participante, a cidade e a pós-modernidade fomentam essa socialização, que ainda segundo ele, não está ocorrendo apenas com socializações presenciais, pois o mundo está se transformando. E a *internet* está abrindo espaços para a criação de comunidades com vários tipos de encontro e grupos virtuais.

Ela tem se aproximado, tem facilitado sim este contato, né? Ela não vai proporcionar por si só, né? Ela pode sim estreitar esse relacionamento, né? Vários elementos que nós temos, tanto na cidade, tanto no ambiente urbano, quanto a questão de hoje, o mundo estar se desenvolvendo, o mundo estar se transformando, traz sim essa oportunidade para que isso aconteça e que não necessariamente, seja um contato físico, pessoal, individual, presente, né, como, como pode haver vários tipos de encontro, de comunidades, de grupos que se encontram, que se reúnam pela *internet*, por exemplo (Participante 6, homem, 35 anos).

Ainda na visão desse participante a cidade e a pós-modernidade possibilitam outras formas de comunicação e socialização, em que a pessoa pode até contactar e, assim, estar conectado com um membro de um grupo ou tribo de gostos afins, sem mesmo ter uma pessoa na sua cidade, que goste ou compartilhe desses mesmos gostos, afinidades ou mesmo partilhe dessa mesma visão.

Então sim, está cada vez mais fácil com que isso aconteça. E eu acho que tem acontecido muito mais. Né, aquela questão assim de gente que agora consegue se contactar com o membro do seu grupo sem ter uma pessoa na cidade que compactua com aquilo. A pessoa com *internet* ela tem essa oportunidade. Então acredito que sim (Participante 6, homem, 35 anos).

Ouvimos o relato de outro participante da pesquisa, para entender se a cidade e a pós-modernidade poderiam ajudar no desenvolvimento da socialização dos/as roqueiros/as sem religião com uma espiritualidade não religiosa. Para esse participante, a cidade e a pós-modernidade podem fomentar essa espiritualidade não religiosa pela via do diálogo e no seu entendimento isso deve ocorrer em todas as frentes, pois estamos vivendo um momento de retrocesso.

Olha, eu acho que é isso né? Pelo que eu entendo assim, a gente está num período em que a gente tem que propor o diálogo, né? A gente tem que propor o diálogo entre todas as frentes, que estejam procurando fazer propostas boas para um mundo melhor, né? Então assim, se a gente está numa época que propõe o diálogo, deveria estar nessa época. A gente está tendo um pouco até de retrocesso e tal. Mas, estamos lutando para que isso se mantenha (Participante 7, homem, 38 anos).

De acordo com esse participante, esses retrocessos estão sendo implementados por sistemas políticos totalitários e estão causando o rompimento constitucional, bem como estão acabando com as garantias constitucionais, em especial para as classes da população mais pobre e trabalhadora.

Retrocessos são sistemas totalitários no mundo inteiro, é o rompimento da constituição, com garantias constitucionais que a gente teve, que a gente vem conquistando e que a gente estava conquistando ainda mais. A gente está tendo um rompimento com isso. Está levando à várias perdas, para diversas populações mais pobres, o trabalhador e tal. Então eu acho que isso é um retrocesso assim, sabe? (Participante 7, homem, 38 anos).

De acordo com ele, somente esse diálogo poderá favorecer uma organização melhor das coisas e na sua visão esse diálogo já existe no meio *headbanger*. Esse diálogo dessa tribo a seu ver tem que estar conectado com a sociedade e deve ser expandido. Ainda na sua visão, essa espiritualidade não religiosa estaria no diálogo com a sociedade mesmo com o estado laico, sem religião e ainda assim, para ele é possível um diálogo. Haveria no seu modo de pensar um desenvolvimento que a tribo urbana *headbanger* faria de forma autogerida internamente na tribo, para uma posterior expansão para o mundo.

Eu acho que se a gente está no mundo do diálogo, isso vai favorecer essa organização bacana que existe no meio *headbanger*. Fazer esse diálogo com a sociedade. Entendeu? Então expandir isso. Tentar buscar esse diálogo com a sociedade mesmo sendo laico, sem religião, mesmo sendo tudo isso, é possível um diálogo. E aí esse desenvolvimento que a gente faz de forma autogerida entre a gente, se expandir para todo mundo, né? (Participante 7, homem, 38 anos).

Seguimos com o relato de uma participante da pesquisa, perguntamos se a cidade e a pós-modernidade podem ajudar no desenvolvimento da socialização dos/as roqueiros/as sem religião com uma espiritualidade não religiosa. Ela não acredita que a cidade e a pós-modernidade podem ajudar no desenvolvimento de uma socialização com uma espiritualidade não religiosa. Apesar de não acreditar que haja essa espiritualidade não religiosa, inclusive, na tribo que ela pertence, ainda assim, ela reconhece que tem alguns grupos que desenvolvem essa espiritualidade não religiosa em Belo Horizonte.

A cidade né? Pode, tanto eu falei em ocupações de lugares não religiosos, tá bem claro. É. Eu falo assim religiosa não. Eu acho muito difícil. Eu não acredito muito, tem uns grupos, tem um grupo, né? Mas, não é o nosso. Não é o meu. Eu posso falar do meu que não é religioso. Totalmente. E a cidade favorece esse encontro, né? Mas é do estético e político. Só, mais nada. Tem mais nada não. Principalmente, os que negam religião. Os Black Metal, do Death, negam mesmo, o Krisiun nega. O Krisiun é do Rio Grande do Sul. Mas, a galera daqui nega mesmo. O Scalped, as bandas de *rock* pesado, as bandas de *metal* extremo negam mesmo (Participante 8, mulher, 46 anos).

Na opinião dessa entrevistada, a cidade favorece somente o encontro estético e político. E as tribos urbanas *headbangers* com o *black metal* e *death metal* negam a religião. Os relatos dessa participante mostram que alguns grupos desenvolvem essa espiritualidade não religiosa, mas a tribo que ela pertence não têm nenhum aspecto religioso em sua socialização. Isso nos mostra que as tribos urbanas *headbangers* em Belo Horizonte não são tão homogêneas para quem adentra os seus limites.

Seguimos com a entrevista com outro participante da pesquisa, para entender se na sua visão, a cidade e a pós-modernidade podem ajudar no desenvolvimento da socialização dos/as roqueiros/as sem religião com uma espiritualidade não religiosa. No seu entendimento, a cidade e a pós-modernidade podem fomentar essa espiritualidade não religiosa, mas ele trocaria a cidade e a pós-modernidade pela palavra acessibilidade dessa pessoa que está no contexto citadino.

Eu posso trocar, essa cidade e pós-modernidade exatamente para a acessibilidade que uma pessoa que está inserida, nessa cidade. Vai variar de acordo com isso. Se ele tem acesso ao conhecimento, ele pode sofrer uma transformação. Né? Agora, se ele não tem acesso ao conhecimento, uma pessoa que mora no interior, por exemplo, que não tem acesso a uma biblioteca, que não tem *internet*, né? Uma pessoa que está no

nordeste, entendeu? Então acho que isso daí é de acordo com a estrutura dessa cidade, né? (Participante 9, homem, 39 anos).

Para esse entrevistado, a cidade só pode transformar a vida das pessoas se ela dá acesso ao conhecimento e na opinião dele, as pessoas que estão no interior dos estados e no nordeste do Brasil, que não tem acesso à biblioteca e à *internet* podem ficar prejudicadas nessa transformação.

Fizemos a pergunta para a última participante da pesquisa, para saber se a cidade e a pós-modernidade poderiam ajudar no desenvolvimento da socialização dos/as roqueiros/as sem religião com uma espiritualidade não religiosa. De acordo com essa participante não existe espiritualidade não religiosa, mas a negação dessa espiritualidade e a sociedade moderna caminha de forma muito lenta para essa compreensão, inclusive a seu ver isso não ajuda na socialização de pessoas que não têm religião. “Não existe espiritualidade não religiosa. Acho que a sociedade moderna caminha lentamente para o entendimento disso, então não ajuda no processo de socialização das pessoas que não tem religião” (Participante 10, mulher, 28 anos).

Nos relatos desses 10 participantes aparecem modos diferentes de socialização da comunidade de roqueiros/as sem religião em torno da música *rock* e que diante de tanta diversidade e pluralidade de pensamento nas tribos urbanas *headbangers*, para uns a cidade e a pós-modernidade poderiam ajudar no desenvolvimento dessa socialização, como uma forma de espiritualidade não religiosa e para outros isso não seria possível de forma alguma. O que notamos é que dentro dessas tribos urbanas *headbangers*, não há um pensamento uniforme ou homogêneo. Isso pode ser verificado, nos relatos dos participantes que mostraram algumas cosmovisões no que se refere à cidade e a pós-modernidade, pensada pelo viés de uma possível espiritualidade não religiosa.

Analisando os relatos dos seis participantes da pesquisa, que neste caso, representam 60% sendo a maioria dos entrevistados que acham que a cidade e a pós-modernidade poderiam ajudar na socialização dessa tribo com uma espiritualidade não religiosa. Alguns conceitos foram citados nos relatos e comprovam que na concepção desses participantes, tanto a cidade, quanto a pós-modernidade são vitais para esse novo modo de vida, que exaltam essa espiritualidade não religiosa na solidariedade produzida pela pluralidade de modos de socialização e na diversidade ideológica.

Em suma, analisamos que para esses seis participantes da pesquisa, a cidade e a pós-modernidade pode proporcionar uma espiritualidade não religiosa na quebra de preconceitos e ao abrir para novos modos de ser e viver na cidade. Ajudando ainda a diminuir julgamentos que inibam outras formas de socialização e visões plurais, que neste caso, podem ser musicais, políticas, sexuais, religiosas, entre outras.

Também observamos que essa socialização pode ultrapassar o espaço físico e territorial, e de acordo com alguns relatos ela já acontece na *internet* com as redes digitais, que uni as pessoas com as mesmas afinidades, mesmo que elas estejam em cidades, estados e até países diferentes. Essa interação social também acontece no diálogo com propostas boas para toda a sociedade, que brotam das inúmeras socializações dos grupos dos iguais, que estão espalhados pela cidade. Essa espiritualidade não religiosa pode acontecer também via acesso ao conhecimento e à informação, através de uma biblioteca ou pela *internet*.

Portanto, o que observamos com a teoria do Maffesoli referente às tribos, à cidade e à pós-modernidade é que elas também são evidenciadas para a maioria dos participantes da pesquisa, que acreditam entre outros fatores que a cidade e a pós-modernidade realmente podem fomentar essa espiritualidade não religiosa entre os/as roqueiros/as sem religião que estão na cena underground em Belo Horizonte.

As tribalizações juvenis, rompimentos e conflitos com as instituições sociais.

Analisamos anteriormente os relatos dos/as roqueiros/as sem religião, que estão nas tribos urbanas *headbangers* participantes da pesquisa campo, para conhecer e entender como ocorreram essas tribalizações na cidade de Belo Horizonte e se a cidade e a pós-modernidade poderiam gerar um tipo de espiritualidade não religiosa para este grupo. Percebemos os possíveis rompimentos e conflitos que essas tribos urbanas *headbangers* e as tribalizações de um modo geral podem causar pela sua cosmovisão em relação às instituições sociais, entre as tais, a religiosa. Que acontecem desde o nascimento da cena *underground* com as tribos urbanas *headbangers* na capital mineira na década de 1980 e que reverberam até os nossos dias.

Observamos que a categoria tribo foi proposta por Maffesoli como metáfora, e observava justamente as transformações do vínculo social. Entretanto, para Pais (2004, p. 10), a utilização do termo tribo pode causar algum tipo de preconceito, ao criar uma etiqueta que se transforma em rótulos que são aplicados aos jovens e a todos os participantes dessas tribos.

Estes adeptos dessas tribos podem não se identificar com a etiqueta imprimida a eles. Ainda correm o risco de serem confundidos com grupos que estão em conflito com a lei como bandos e gangues. Assim, podem sofrer algum tipo de preconceito por rótulos que são criados para algumas tribos. “Os jovens são o que são, mas também são (sem que o sejam) o que deles se pensa, os mitos que sobre eles se criam. Esses mitos não reflectem a realidade, embora a ajudem a criar.” (Pais, 2004, p. 11).

Magnani (2005, p. 175) observa as limitações do termo tribos, pois ele é usado nos estudos tradicionais de etnologia para laços mais profundos e duradouros, como clãs, tribos, segmentos e grupos locais. Porém, para os jovens o termo significa justamente o contrário, ou seja, uma fragmentação e uma postura contra a cultura de massas.

De acordo com Pais, o próprio termo tribo já carrega em si a ideia de atrito, resistência e oposição.

Com efeito, tribo é um elemento de composição de palavras que exprime a ideia de atrito (do grego *tribé*), isto é, a resistência de corpos que se opõem quando se confrontam. Esta dimensão de resistência grupal, substantivamente ligada à ideia de atrito, encontra-se presente no fenômeno das tribos urbanas (Pais, 2004, p. 12).

No atrito e resistência à cultura de massa que é estabelecida como padrão a ser seguido para grande parte da população, as tribos urbanas *headbangers* podem também sofrer algum tipo de depreciação e preconceito, com o rótulo e o estigma que são dados aos seus membros. “Não é certamente por acaso que muitos grupos de jovens levam com

o apodo de tribo. É que as suas condutas são vistas como desalinhas, confrontativas, exóticas.” (Pais, 2004, p. 13).

Ao fazermos nossa pesquisa com o percurso histórico com o nascimento do *rock*, desde 1940, passando por 1980 e 1990, até os nossos dias com os/as roqueiros/as sem religião, observamos nessa trajetória que alguns grupos sociais e principalmente as tribos urbanas *headbangers* tiveram esse posicionamento de atrito e resistência em relação à sociedade e suas instituições sociais. Para isso, utilizaram e ainda utilizam o *rock* como um instrumento socializador e também de protesto e contestação, no qual, o *rock* se sedimentou como elemento social e cultural em suas contestações aos poderes instituídos, entre eles o religioso.

Apesar de usar a metáfora da tribo para designar as transformações do tempo vigente, Maffesoli entende que ela não dá conta de expressar com segurança este conceito. Por outro lado, os intelectuais não conseguem se comunicar com a geração vigente, por seus conceitos serem ineficazes, obsoletos e por isso, muitas pessoas, e especialmente os jovens, não participam ou não querem se envolver nas decisões políticas, devido à falta de vínculo entre o discurso e a vida em sua realidade.

Há, reconheço, um verdadeiro paradoxo: indicar uma direção garantida com “palavras” não tendo, de modo algum, a segurança do conceito. [...] Talvez seja preciso saber aceitar, e viver, esse paradoxo. [...] é preciso saber se contentar com as metáforas, analogias, imagens, todas coisas vaporosas, que seriam os meios menos piores possíveis para dizer ‘o que é’, o que está em estado nascente. [...] E é a isso que se dedica a maior parte dos intelectuais, jornalistas, políticos, assistentes sociais e outras boas almas, que se sentem ‘responsáveis’ pela sociedade. Qualquer que seja a situação, quaisquer que sejam os protagonistas, eles só têm na fala as palavras, cidadania, República, Estado, contrato social, liberdade, sociedade civil, projeto. É, sem dúvida, honroso e mesmo bastante gentil. Sim, mas são palavras que parecem vir do planeta Marte para a maior parte dos jovens que não sabem o que fazer da política e mesmo do social. A abstenção, por ocasião das eleições, é, a esse respeito, esclarecedora pelo fato de que ela mostra bem em que o mecanismo de representação não tem mais qualquer relação com o que é vivido (Maffesoli, 2010a, p. 04-05).

Ao utilizar o termo tribos urbanas, pensamos na questão metafórica proposta por Maffesoli, que demonstra as transformações nos vínculos sociais, com o sentimento de pertencimento e de estar juntos, o afeto, as paixões e devoções comunitárias ao *rock*, realizadas pelos jovens e por pessoas de todas as idades, que aderem à essas tribos. Mas, justamente na não aceitação da tribo pelo que é imposto como padrão cultural pela cultura de massas, que podemos ver o sentimento de pertencimento, o convívio e o sentimento de estar juntos. Nesse aspecto, as tribos urbanas unem as pessoas que têm as mesmas sensações, emoções, interesses e ideais. “Se os indivíduos que integram algumas tribos urbanas se distanciam de determinados padrões sociais, não é propriamente com o objectivo de se isolarem de tudo o que os rodeia, mas para se reencontrarem com grupos de referência mais próximos dos seus ideais” (Pais, 2004, p. 17).

Maffesoli mostra que as jovens gerações e os mais variados grupos se aglutinam justamente no prazer de estar juntos e partilhar das mesmas experiências sociais:

Ajudar-se mutuamente, encontrar novas formas de solidariedade, de generosidade, criar ocorrências caritativas, há tantas ocasiões para vibrar junto, para exprimir ruidosamente o prazer de estar-junto, ou, para retomar uma expressão trivial frequentemente nas novas gerações, para “gozar”. Expressão judiciosa no que ela ressalta bem o fim da

forte identidade individual. Goza-se na efervescência musical, na histeria esportiva, no calor religioso, mas igualmente em uma ocasião caritativa, ou, ainda, em determinada explosão política (Maffesoli, 2010a, p. 18).

Isso foi observado com a efervescência musical através do *rock*, do *heavy metal* e de seus subgêneros na capital mineira, no qual suspeitávamos, que ainda hoje, os/as roqueiros/as sem religião, que estão nas tribos urbanas *headbangers*, talvez desenvolvessem um tipo de espiritualidade não religiosa em torno da música *rock*, na sociabilidade entre os adeptos das tribos urbanas *headbangers*. O que foi comprovado na pesquisa de campo através da maioria dos relatos dos participantes.

O que percebemos é que esses/as roqueiros/as sem religião na década de 1980, quando da criação da cena *underground* com as tribos urbanas *headbangers* em Belo Horizonte, buscavam uma ruptura com qualquer instituição que pudesse representar a tradição, entre elas a igreja católica que era predominante na cidade naquela época. Na demarcação dos rituais e também no distanciamento de qualquer poder instituído, as práticas desses/as roqueiros/as tomaram formas quase sagradas na socialização, com o ritual no comportamento de todos que aderiam à tribo urbana *headbanger* na cena *underground*. O que tornava essas práticas sociais variadas, como demarcação dos rituais sociológicos entre os participantes da tribo de roqueiros/as em oposição aos moradores de Belo Horizonte.

A sociabilidade juvenil tem uma amplitude no contexto urbano e a vida cidadina possibilita e ainda potencializa variados relacionamentos nas áreas sociais, política, econômica, cultural e religiosa. Se no contexto rural a vida girava em torno da Igreja Católica, com suas paróquias, matriz e com toda a comunidade de fiéis que previamente sabia como lidar com as mais diversas manifestações eclesiais, sociais e familiares, hoje o que percebemos é uma certa diluição dessas normas e costumes: a cidade proporciona essa efervescência e liberdade individual em que o sujeito faz seu próprio percurso com autonomia e liberdade de escolha (Rodrigues, 2020, p. 202).

Nesse esvaziamento das instituições sociais que se potencializa no contexto citadino e também com o pensamento pós-moderno que provocam a diluição das normas e costumes, é que vemos essa possibilidade dos/as roqueiros/as sem religião nas tribos urbanas *headbangers* em Belo Horizonte, escolherem ou não ter algum tipo de crença, mesmo que de forma diluída ou ainda terem a possibilidade de não crer em nenhum aspecto espiritual ou religioso. E ainda utilizarem a socialização e solidariedade através da música *rock*, do *heavy metal* e de seus subgêneros como um tipo de espiritualidade não religiosa, que também é fomentada pelo o espaço da cidade e pelo tempo pós-moderno.

Considerações finais

Notamos no decorrer da nossa pesquisa que tanto a cidade, quanto à pós-modernidade, respectivamente marcadas no espaço e no tempo, se tornaram fomentadores de inúmeros modos de vida e assim, de socializações que até então não existiam como verificamos com os/as roqueiros/as sem religião que estavam nos círculos urbanos *headbangers* nas últimas décadas. Nessa direção, o que também observamos através dos relatos dos participantes da pesquisa de campo é que a cidade de Belo Horizonte

se apresenta como possibilidade para os relacionamentos pessoais e interpessoais, com a sociabilidade e o sentimento de pertencimento de pessoas das mais variadas idades, que se unem aos mais diversos grupos de afinidades como mostrado por Maffesoli com as tribos urbanas e na nossa pesquisa com os círculos urbanos *headbangers*.

Isso mostra o potencial da cidade e também da contemporaneidade com a pós-modernidade, para as mais variadas manifestações sociais, que sinalizam para a pluralidade e diversidade nos relacionamentos. Essas diferenças nos relacionamentos que são expostas nos relatos dos participantes, podem ser observadas também nas mais variadas tribos urbanas, em sua abertura para o novo e para a troca de experiências e aprendizados coletivos. Neste caso, a socialização e a solidariedade que é gerada com a cidade e a pós-modernidade fomentam um tipo de espiritualidade não religiosa na interação social junto aos/as roqueiros/as sem religião, que estão nas tribos urbanas *headbangers* e realizam assim, a função de ajuntamento dentro desses grupos.

Entretanto, mesmo observando a confirmação da nossa hipótese pela maioria dos entrevistados quanto à ocorrência dessa espiritualidade não religiosa, verificamos que ela não ocorreu de forma unânime, o que mostra que dentro dessas tribos podemos encontrar várias visões, políticas, econômicas, sociais, ideológicas, musicais, estéticas, religiosas, entre outras. Nos relatos dos/as roqueiros/as sem religião participantes da pesquisa, observamos em vários momentos uma autopreservação a começar pela pesquisa ser sobre religião e muitos já se mostravam constrangidos e se retraíam para responder as questões, pois ainda há uma grande resistência a tudo que remeta a qualquer prática religiosa ou espiritual para essa tribo.

Também observamos essa autopreservação do grupo em relação às instituições sociais como a família, a polícia, o Estado e as igrejas cristãs. Algumas nomenclaturas para as tribos urbanas *headbangers* também surgiram para descrever a socialização dessa tribo, entre eles cena, grupo, massa, corpo e também *circo*. Diante dessas categorias apresentadas pelos/as roqueiros/as sem religião nas entrevistas, nos aproximamos de *circo* para categorizar esse grupo de roqueiros/as em nossas pesquisas. Como mostramos no decorrer do artigo, daqui em diante, utilizaremos a categoria círculos urbanos *headbangers*, devido às implicações pejorativas que a categoria tribos urbanas *headbangers* pode trazer aos membros desse grupo.

Referências

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. Educação para o lazer. São Paulo: Moderna, 1998.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

LEFEBVRE, Henri. A Revolução Urbana. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

MAFFESOLI, Michel. A comunicação sem fim (teoria pós-moderna da comunicação). Famecos, Porto Alegre, v. 1, n. 20, 2003a. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3198/2463>.

Acesso em: 18 abr. 2016.

MAFFESOLI, Michel. *A conquista do presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

MAFFESOLI, Michel. *A sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

MAFFESOLI, Michel. *A transfiguração do político: a tribalização do mundo*. Porto Alegre: Sulina, 2005a.

MAFFESOLI, Michel. *A violência totalitária: ensaio de antropologia política*. Porto Alegre: Sulina, 2001a.

MAFFESOLI, Michel. *Cultura e comunicação juvenis*. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, v. 2, n. 4, 2005b. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/33/33>. Acesso em: 18 abr. 2016.

MAFFESOLI, Michel. *Entre o bem e o mal: compêndio de subversão pós-moderna*. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

MAFFESOLI, Michel. *Homo eroticus as comunhões emocionais*. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

MAFFESOLI, Michel. *La potencia de los lugares emblemáticos*. *Convergencia*, Toluca, v. 14, n. 44, 2007a. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=105504403>. Acesso em: 13 abr. 2016.

MAFFESOLI, Michel. *Saturação*. São Paulo: Iluminuras/Itaú Cultural, 2010b.

MAFFESOLI, Michel. *Sobre o nomadismo*. *Vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Record, 2001c.

MAFFESOLI, Michel. *O imaginário é uma realidade*. *Famecos*, Porto Alegre, v. 8, n. 15, p. 74-82, 2001b. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3123/239>. Acesso em: 30 abr. 2021.

MAFFESOLI, Michel. *O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. São Paulo: Zouk, 2003b.

MAFFESOLI, Michel. *O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno*. Rio de Janeiro: Record, 2007b.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo retorna: formas elementares da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Os circuitos dos jovens urbanos*. *Tempo Social*, São Paulo, v. 17, n. 2, 2005. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12475/14252>. Acesso em: 08 abr. 2016.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; TORRES, Lílian de Lucca (orgs.). Na metrópole: textos de antropologia urbana. São Paulo: EDUSP, 1996.

PAIS, José Machado; BLASS, Leila Maria da Silva. (org.). Tribos urbanas: produção artística e identidades. São Paulo: Annablume, 2004.

RODRIGUES, Flávio Lages. As trajetórias da música rock na Comunidade Caverna de Adulão. *Interações*, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 197-213, 2020a. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/17515>. Acesso em: 13 jul. 2020.

STREIB, Heinz; KLEIN, Constantin. Religion and Spirituality. In: STAUSBERG, Michael; ENGLER, Steven (org.). *The Oxford Handbook of the Study of Religion*. New York/London: Oxford University Press, 2016. p. 73-83.

Editor responsável: Fábio L. Stern

Recebido em: 10/06/2023

Aprovado em: 09/11/2023